

Nathália Pinheiro Martins
Denise Aparecida Moser

LETRAMENTO PARA O FUTURO:

pensando a tecnologia hoje e amanhã



**Universidade Federal do Pampa
Programa de Pós-Graduação em
Ensino de Línguas**

LETRAMENTO PARA O FUTURO:

pensando a tecnologia hoje e amanhã



Nathália Pinheiro Martins

Discente do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas
nathaliamartins.aluno@unipampa.edu.br

Denise Aparecida Moser

Professora do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas
denisemoser@unipampa.edu.br



FICHA TÉCNICA

Título da Pesquisa:

LETRAMENTO PARA O FUTURO: REPENSANDO O "NIVELAMENTO" EM LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Autora:

Nathália Pinheiro Martins

Orientadora:

Denise Aparecida Moser

Diagramação:

Nathália Pinheiro Martins

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M3861 Martins, Nathália Pinheiro
Letramento para o futuro: pensando a tecnologia hoje e amanhã /
Nathália Pinheiro Martins.
54 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2025.
"Orientação: Denise Aparecida Moser".

1. Estratégias de leitura. 2. Estratégias de escrita. 3.
Produção de resenhas. 4. Letramentos. 5. Tecnologia. I. Título.

As autoras

Nathália Pinheiro Martins



Cheguei até aqui por caminhos sinuosos, depois de muitos tropeços e recomeços. Sou resultado de idas e vindas: da adolescente tímida que preferia o refúgio do computador à estudante curiosa que descobriu, tardiamente, a alegria de aprender; da jovem que quase abandonou a universidade à professora que hoje se reconhece na docência; da leitora solitária à pesquisadora inquieta, sempre em busca de novas respostas.

Carrego comigo uma mistura de melancolia e determinação, reflexo de uma trajetória dolorosa, mas com final feliz. Aprendi a trabalhar com o que tive, a transformar a perda em coragem e a fazer minhas fragilidades se tornarem combustível para tudo o que ainda quero construir. Persisto porque descobri que ainda há beleza na vida, e porque a educação, de algum jeito, sempre me chamou de volta. Persisto porque esta história, que começou tantas vezes, ainda está sendo escrita.

Meu nome é Nathália e escrevi este material com a esperança de que ele alcance quem, assim como eu, precisa de apoio para seguir em frente e encontrar seu próprio caminho.

As autoras

Denise Aparecida Moser



Cheguei até aqui após muitos desafios, daqueles que testam a coragem e a vontade de continuar. Persisti quando tudo parecia andar devagar, insisti quando o cansaço tentou me fazer parar e descobri, aos poucos, que a docência era o lugar onde meu coração sempre quis estar.

Ensinar, para mim, é um gesto de cuidado. É acompanhar histórias, respeitar as trajetórias de cada aluno e acreditar que todos podem crescer, mesmo quando duvidam de si mesmos. Tenho um carinho enorme por cada estudante que oriento, por cada percurso que posso testemunhar e por cada pequena conquista que vejo acontecer diante de mim. Se hoje sigo firme na educação, é porque ela me escolheu tanto quanto eu a escolhi e me deu sentido quando o mundo parecia incerto.

Eu sou Denise e deixo aqui um pouco da minha história. Desejo que você faça uma boa leitura deste material e que, de algum modo, ele ajude a iluminar o seu próprio caminho — assim como tantos alunos iluminaram o meu.

Sumário

7

Apresentação

8

Introdução

13

**Unidade 1: Interpretar para
compreender**

37

**Unidade 2: Escrever para construir
sentidos**

54

Palavras finais

55

Referências e recursos

Apresentação

Este material didático foi elaborado em um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, da Unipampa, e tem como finalidade apoiar estudantes de graduação no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita. Organiza atividades de interpretação, análise, planejamento de ideias, elaboração de argumentos e produção textual, oferecendo orientações que contribuam para uma leitura crítica e para a construção de textos mais consistentes.

O percurso proposto se articula em torno do tema **Letramento para o futuro: pensando a tecnologia hoje e amanhã**. Para explorar essa questão, são utilizados textos acadêmicos e literários, de ficção científica, como estímulos para refletir sobre os usos da tecnologia e seus efeitos sociais, culturais e éticos.

Esses textos servem como base para trabalhar diferentes modos de leitura e escrita no contexto acadêmico. A proposta não pretende apresentar modelos fixos, mas oferecer referências que fortaleçam sua relação com a Língua Portuguesa.

Vamos refletir juntos?

A presença cotidiana de conteúdos, decisões e recomendações mediadas por sistemas automatizados tem ampliado debates sobre responsabilidade e limites éticos. Esse contexto demanda atenção às formas como lidamos com textos, imagens e outros dados, bem como às implicações que essas tecnologias trazem para nossos modos de ler, escrever e interpretar.

Como as ferramentas de inteligência artificial generativa têm influenciado a sua maneira de compreender o mundo e de interagir com as informações que circulam no cotidiano?

Introdução

Querido(a) estudante,

Vamos começar nossa jornada com uma proposta simples: olhar com calma para algumas imagens, pensar sobre tecnologia e criatividade, e deixar que suas ideias se organizem no papel sem pressa, sem cobrança e sem medo de errar. Esta atividade diagnóstica foi pensada justamente para isso — para conhecer o seu jeito de escrever, suas percepções e a forma como você enxerga o mundo digital que nos cerca.

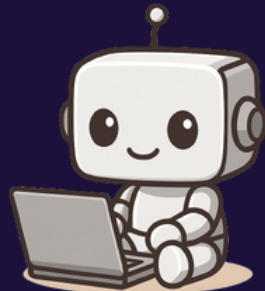
Aqui, não há respostas certas ou erradas. O que importa é a sua voz, sua opinião e a sua curiosidade. Então respire fundo, organize-se como preferir e permita-se refletir sobre o encontro entre arte, inteligência artificial e imaginação humana.

A seguir, você encontrará a situação que servirá de base para esta reflexão. Leia-a com tranquilidade e, quando se sentir pronto(a), comece a escrever.

O que é uma inteligência artificial (IA)?

Uma IA é um sistema capaz de aprender padrões, reconhecer situações e tomar decisões com base em dados. Ela não “pensa” como nós, nem sente o mundo como sentimos; mas consegue identificar relações, produzir respostas e criar conteúdos de maneira rápida.

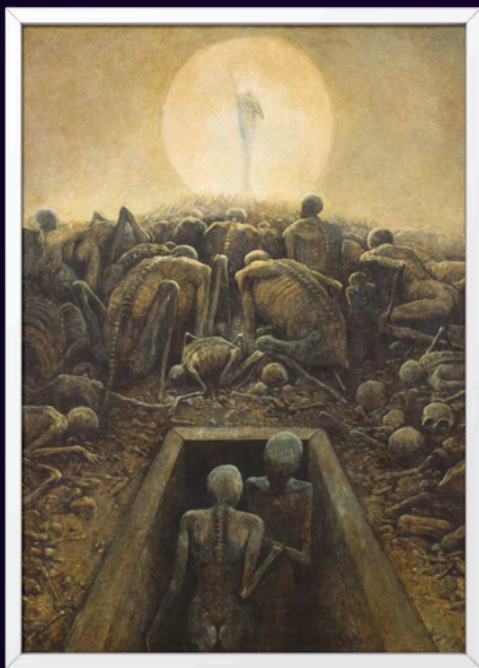
Podemos imaginá-la como uma aprendiz: ela observa exemplos, percebe o que se repete, entende o que combina e, a partir disso, tenta oferecer algo que faça sentido. Às vezes acerta; em outras, precisa de orientação. É justamente aí que entramos: guiando, ajustando e dando o toque humano que uma máquina consegue reproduzir.



O **Midjourney** é uma IA capaz de criar imagens a partir de descrições em linguagem natural e imagens de referência. Nele, você escreve um comando com o que deseja ver e ele gera algo baseado nessa descrição. Uma de suas funções é a "*Describe*", em que o usuário insere uma arte e solicita uma descrição detalhada dela, que pode ser usada para escrever novos comandos e gerar novas imagens.

Tendo isso em mente, nosso ponto de partida para a reflexão é uma obra do artista surrealista Zdzisław Beksiński. Observe:

The Afterlife



Quer conhecer outras obras do autor?

Beksiński viveu entre 1929 e 2005, na Polônia, atuando como pintor de obras surrealistas e fotógrafo. Você pode acessar outras artes dele no link a seguir: <https://www.wikiart.org/pt/zdzislaw-beksinski/>

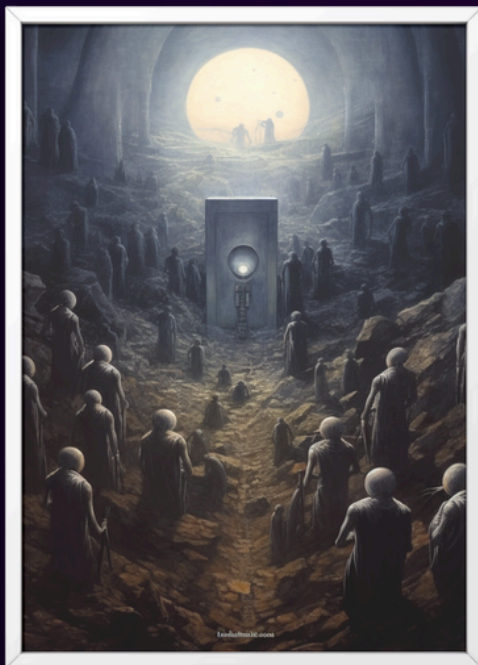
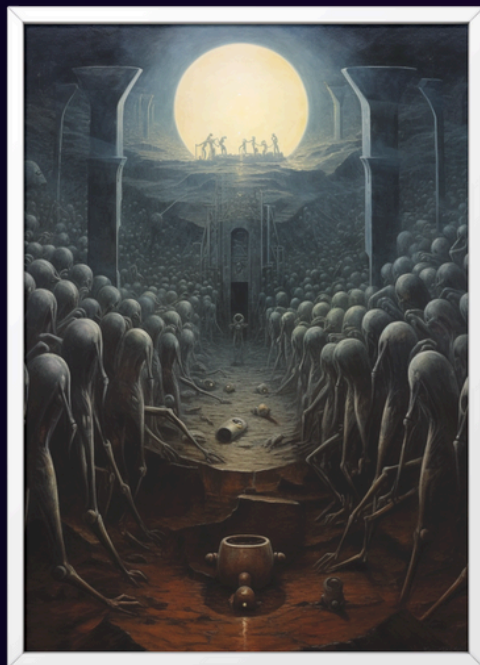
Vamos pensar em uma situação hipotética: uma pessoa gosta muito do artista em questão e decide fazer variações futuristas e tecnológicas de suas artes. Assim, utiliza a função Describe para isso, solicitando um comando que descreva a arte de Beksiński.

Esta é a sugestão recebida:

"Uma pintura retratando esqueletos e esqueletos rodeados pela lua, no estilo do realismo distópico, solarização, obras de terra, dramático, sombrias obras religiosas, raios divinos, hiper-detalhada, comovente --ar 83:106".

Para chegar ao resultado desejado, ela troca a palavra "esqueletos" por "robôs" e envia o comando sugerido pela IA sem fazer quaisquer outras alterações, anexando a imagem original como ponto de referência. A seguir, apresentam-se dois resultados:

Variações de The Afterlife (com imagem de referência)



Não satisfeita, decide verificar o que a IA é capaz de fazer sozinha e remove a imagem de referência, ainda utilizando a mesma descrição sugerida para a solicitação:

Variações de The Afterlife (com descrição)



Fonte: Midjourney (2023)

Como é possível observar, embora as imagens não sejam iguais à obra original, há uma forte presença dela nos resultados, mesmo quando a imagem de referência não é anexada junto ao comando.

📄 Como posso gerar imagens gratuitas com IA?

Embora o Midjourney seja pago, o ChatGPT consegue gerar um número limitado de imagens de forma gratuita por dia. Caso queira testar com o mesmo *prompt*, se inscreva no site: <https://chatgpt.com/>



Questões norteadoras

- 1) O uso de IAs como o Midjourney pode ser visto como uma nova forma de expressão artística?
- 2) Quais são as implicações desse tipo de ferramenta para o trabalho de artistas tradicionais?
- 3) As imagens criadas pela IA podem ser consideradas plágio da obra de Beksiński?
- 4) Na sua opinião, é aceitável utilizar essas imagens para fins comerciais, como algumas editoras de livros têm feito?
- 5) Como IAs generativas podem influenciar a criatividade humana?

Desafio

Com base na apresentação do tema e nas cinco questões norteadoras, elabore um **texto opinativo** que aborde os pontos centrais da discussão, trazendo suas percepções sobre o tema. Fique à vontade para escrever o quanto quiser: aqui, o certo é ser você mesmo e defender suas visões de mundo!

Para saber mais...

Se quiser se aprofundar mais na discussão sobre tecnologia e responsabilidade, vale conhecer a **Recomendação da UNESCO sobre a Ética da Inteligência Artificial**. O documento apresenta, em linguagem acessível, princípios que ajudam usuários a entender melhor como a IA deve ser desenvolvida e usada de forma justa, segura e transparente.



Entre os pontos abordados, estão temas como proteção de dados, não discriminação, impacto social, riscos ambientais, relação entre IA e educação, além de orientações sobre direitos, segurança e inclusão.

Leia o documento em: <https://bit.ly/UnescoIALPF>

UNIDADE 1

Interpretar para compreender

Em nossa primeira unidade, convidamos você a entrar comigo em um universo onde passado e futuro se encontram — um lugar em que a imaginação corre solta e onde cada detalhe pode mudar o destino de uma história inteira. Nosso ponto de partida é o conto ***Um som de trovão***, escrito por Ray Bradbury em 1952, uma época em que muitas das tecnologias que hoje fazem parte da nossa rotina sequer existiam. Ainda assim, o autor já antecipava inquietações, esperanças e medos que continuam muito presentes no mundo atual.

Ao longo desta unidade, vamos ler, reler, observar pistas, levantar hipóteses e discutir como o texto constrói sentidos para além do que está dito na superfície. Vamos trabalhar conceitos como pressupostos, subentendidos e viés, que ajudam a perceber camadas mais discretas da narrativa — aquelas que só aparecem quando lemos com mais atenção e sensibilidade.

O objetivo é que você desenvolva estratégias de leitura que tornem sua interpretação mais crítica e mais consciente. Queremos que você perceba não apenas o que a história conta, mas como ela nos conduz, provoca e sugere, mesmo quando parece silenciosa.

No final da unidade, você responderá às questões propostas, mobilizando tudo o que exploramos: seu repertório, sua curiosidade e seu olhar leitor. Não se preocupe: estamos aqui para caminhar juntos, passo a passo, nesse processo de descobrir significados e imaginar futuros possíveis.

Vamos começar?

Um som de trovão

Autor: Ray Bradbury

O anúncio na parede parecia tremular sob uma película de água quente. Eckels sentiu suas pálpebras estremeecerem sobre seu olhar, e o anúncio queimava, na momentânea escuridão:

*SAFÁRIS NO TEMPO, INC.
SAFÁRIS PARA QUALQUER ANO DO PASSADO
VOCÊ DIZ QUAL ANIMAL, NÓS O LEVAMOS LÁ.
VOCÊ O ABATE.*

Uma flegma quente acumulou-se na garganta de Eckels; engoliu e empurrou-a para baixo. Os músculos ao redor de sua boca formaram um sorriso enquanto ele estendeu sua mão lentamente pelo ar, e naquela mão, balançava-se um cheque de dez mil dólares, para o homem atrás da escrivaninha.

— Este safári garante que eu volte vivo?

— Não garantimos nada — falou o funcionário — exceto os dinossauros. — Voltou-se. — Este é o Sr. Travis, seu Guia, no Safári a ao Passado. Ele vai dizer-lhe o que e onde atirar. Se ele disser para não atirar, não se atira. Se desobedecer às instruções, há uma pesada multa de mais de dez mil dólares, mais um possível processo do governo, quando voltar.

Eckels olhou, através do amplo escritório, numa completa confusão disforme, de fios entrelaçados e caixas de aço zumbindo, para uma aurora que agora reluzia laranja, então prateada, e então, azul. Havia um som como uma descomunal pira queimando todo o Tempo, todos os anos e todos os calendários, todas as horas empilhadas e incendiadas.

Um toque da mão e esta queima, instantaneamente, se reverteria lindamente. Eckels lembrou-se literalmente das palavras da propaganda. De carvões e cinzas, da poeira e das brasas, como salamandras douradas, os velhos tempos, os anos jovens, podem saltar; rosas suavizando o ar; cabelo branco enegrecendo-se, rugas desaparecendo; tudo voltando totalmente à origem, fugir à morte, precipitar-se para o começo de tudo, o sol nascendo nos céus ocidentais, e pondo-se gloriosamente no leste, luas devorando-se a si mesmas no sentido oposto ao costumeiro, e tudo se sobrepondo, como caixas chinesas, coelhos em cartolas, tudo e todos retornando à morte viva, a morte da semente, a morte verde, ao tempo de antes do começo. O toque da mão poderia fazê-lo, o mero toque da mão.

— Inacreditável. — Eckels respirava, com a luz da Máquina sobre seu rosto fino. — Uma verdadeira Máquina do Tempo. — Abanou a cabeça. — É de fazer pensar. Se a eleição tivesse ido mal ontem, eu poderia estar agora me afastando dos resultados. Felizmente Keith ganhou. Será um bom presidente para os Estados Unidos.

— Sim — falou o homem por trás da mesa. — Temos sorte. Se Deutscher tivesse ganho, teríamos a pior ditadura. Há sempre um homem antitudo, um militarista, um anticristo, anti-humano, anti-intelectual. O povo nos requisitou, sabe, como que brincando, mas a sério. Diziam que se Deutscher se tornasse presidente, queriam viver em 1492. Claro, não é o nosso negócio conduzir Fugas, mas organizar Safáris. De qualquer maneira, Keith é o presidente agora. Tudo com que precisa preocupar-se agora é...

— Caçar meu dinossauro — Eckels acabou para ele.

— Um *Tyrannosaurus rex*. O Lagarto Tirano, o monstro mais inacreditável de toda a história. Assine este termo. O que quer que aconteça com você, não somos responsáveis. Esses dinossauros são muito vorazes.

Eckels animou-se, nervoso. — Tentando assustar-me!

— Francamente, sim. Não queremos que vá alguém que entre em

pânico ao primeiro tiro. Seis líderes de Safári foram mortos no ano passado, e uma dúzia de caçadores. Estamos aqui para dar-lhe a maior emoção que um caçador de verdade jamais almejou. Mandá-lo de volta sessenta milhões de anos, para pegar a maior caça de todos os tempos. Seu cheque ainda está aqui. Pode rasgá-lo.

O Sr. Eckels olhou para o cheque. Seus dedos retorceram-se.

— Boa-sorte — falou o homem atrás da escrivaninha. — Sr. Travis, ele é todo seu.

Moveram-se silenciosamente, atravessando a sala, levando suas armas com eles, em direção à Máquina, rumo ao metal prateado e às luzes gritantes.



Primeiro um dia, e então uma noite, e então um dia, e então uma noite, e então era dia-noite-dia-noite-dia. Uma semana, um mês, um ano. Uma década! 2055 d.C., 2019 d.C., 1999! 1957! Partida! A Máquina rugia.

Puseram suas máscaras de oxigênio e testaram os intercomunicadores.

Eckels inclinou-se no assento estofado, rosto pálido, maxilar enrijecido. Sentia o tremor em seus braços, olhou para baixo e achou suas mãos firmes no novo rifle. Havia quatro outros homens na Máquina. Travis, o Guia do Safári; seu assistente, Lesperance; e mais dois outros caçadores, Billings e Kramer. Sentavam-se olhando uns para os outros, e os anos ardiavam à volta deles.

— Estas armas podem dar conta de um dinossauro? — Eckels sentiu sua boca dizendo.

— Se os acertar direito — disse Travis pelo rádio do capacete. — Alguns dinossauros têm dois cérebros, um na cabeça e outro no fim da espinha. Ficamos longe desses. É abusar da sorte. Atire as duas

primeiras vezes nos olhos, se puder, e cegue-os, e volte a atirar no cérebro.

A Máquina bramia. O Tempo era um filme passado ao contrário. Os sóis voavam e dez milhões de luas, atrás deles. — Pense só — disse Eckels. — Todos os caçadores que jamais viveram nos invejariam hoje. Isso faz a África parecer com o Illinois.

A Máquina desacelerou; seu grito caiu para um sussurro. A Máquina parou. O sol parou no céu.

A névoa que envolvera a Máquina dissipou-se e estavam num tempo antigo, muito antigo mesmo, três caçadores e dois Guias de Safári com suas armas metálicas sobre os joelhos.

— Cristo ainda não nasceu — disse Travis. — Moisés ainda não foi à montanha, para falar com Deus. As pirâmides ainda estão na terra, esperando para serem recortadas e montadas. Lembrem-se disso. Alexandre; César; Napoleão; Hitler; nenhum deles existe.

O homem fez que sim.

— Aquilo. — Apontou o Sr. Travis — é a selva de sessenta milhões, dois mil e cinquenta e cinco anos antes do presidente Keith.

Mostrou o caminho de metal que cruzava o verde selvagem, sobre um amplo pântano, por entre fetos e palmeiras.

E aquele — disse — é o Caminho, colocado por Safáris no Tempo, para seu uso. Flutua a seis polegadas acima da terra. Não toca senão no máximo uma grama, flor ou árvore. É um metal antigravitacional. Seu propósito é evitar que vocês toquem, de qualquer maneira que seja, este mundo do passado. Fiquem no Caminho. Não saiam dele. Repito. Não saiam. Por qualquer razão que seja! Se caírem, serão multados. E não disparem em nenhum animal que não aprovemos.

— Por quê? — perguntou Eckels.

Sentaram-se, na floresta antiga. Gritos distantes de pássaros vieram com o vento, e o cheiro de alcatrão e de um velho oceano salgado, grama úmida, e flores da cor de sangue.

— Não queremos mudar o Futuro. Não pertencemos ao Passado. O

governo não gosta de nós aqui. Temos que pagar muita propina para garantir nossa licença. A Máquina do Tempo é um negócio extremamente delicado. Sem saber, poderíamos matar um animal importante, um pequeno pássaro, uma barata; mesmo uma flor, assim destruindo um elo importante, numa espécie em evolução.

— Isso não fica muito claro — falou Eckels.

— Está bem — continuou Travis — suponhamos que acidentalmente matemos um rato aqui. Isso quer dizer que todas as futuras famílias desse rato, em particular, serão destruídas, certo?

— Certo.

— E todas as famílias das famílias daquele rato! Com um pisão de seu pé, você aniquila primeiro um, então uma dúzia, então mil, um milhão, um bilhão de ratos, possivelmente!

— Então estarão mortos; e daí?

— E daí? — Travis torceu o nariz. — Bem, e as raposas que precisariam daqueles ratos para sobreviver? Para cada dez ratos a menos, morre uma raposa. Para cada dez raposas a menos, um leão morre de fome. Para cada leão a menos, insetos, abutres, infinitos bilhões de formas de vida são lançados ao caos e à destruição. Eventualmente, tudo recai no seguinte: cinquenta e nove milhões de anos depois, um troglodita, um, de uma dúzia no mundo inteiro, vai caçar javalis ou tigres-dentes-de-sabre para comer. Mas você, amigo, pisou em todos os tigres daquela região. Pisando num só rato. Assim o troglodita morre de fome. E este homem das cavernas, note bem, não é qualquer um dispensável, não senhor! Ele é toda uma nação futura. Dele, teriam saído dez filhos. E destes, mais cem, e assim por diante, até a civilização. Destruindo esse único homem, destrói-se uma raça, um povo, toda uma história. É comparável a matar um neto de Adão. O pisão de seu pé, num rato, poderia principiar um terremoto, cujos efeitos poderiam abalar nossa terra e destinos pelo Tempo afora, até seus alicerces. Com a morte daquele troglodita, um bilhão de outros ainda não nascidos são mortos no

útero. Talvez Roma nunca se erga sobre suas sete colinas. Talvez a Europa fique para sempre uma floresta espessa, e apenas a Ásia cresça, forte e saudável. Pise num rato e esmagará as Pirâmides. Pise num rato e deixará sua marca, como um Grand Canyon, pela Eternidade. A rainha Elizabeth poderá nunca nascer. Washington poderá não cruzar o Delaware, poderá nunca haver Estados Unidos. Portanto, sejam cuidadosos. Fiquem no Caminho. Nunca pisem fora!

— Percebo — comentou Eckels. — Então não poderíamos nem tocar a grama?

— Exato. Esmagar certas plantas poderia causar somas infinitesimais. Um erro mínimo seria multiplicado por sessenta milhões de anos, desmesuradamente. Claro, talvez nossa teoria esteja errada. Talvez o Tempo não possa ser alterado por nós. Ou talvez só possa ser alterado de maneiras sutis. Um rato morto aqui causa um desequilíbrio dos insetos ali, uma desproporção populacional mais tarde, uma colheita má mais adiante, uma depressão, fome, e finalmente uma mudança no temperamento social em países remotos. Algo muito mais sutil, como isso. Talvez algo ainda muito mais sutil. Talvez apenas uma respiração, um sussurro, um cabelo, um pólen no ar, uma mudança tão levezinha que se olhasse atentamente, não notaria. Quem sabe? Quem pode dizer que realmente sabe? Não sabemos. Estamos só adivinhando. Mas até que tenhamos certeza, se nossos passeios pelo Tempo podem fazer um barulhão ou um barulhinho na História, seremos cuidadosos... Esta Máquina, este Caminho, suas roupas e corpo foram esterilizados, como sabem, antes da viagem. Usamos estes capacetes de oxigênio de modo que não possamos introduzir bactérias nesta atmosfera primitiva.

— Como sabemos que animais abater?

— Estão marcados com tinta vermelha — explicou Travis. — Hoje, antes da viagem, mandamos Lesperance aqui com a Máquina. Ele veio a esta época em particular e seguiu certos animais.

— Estudando-os?

— Isso — falou Lesperance. — Sigo-os por toda sua vida, observando quais vivem mais. Quantas vezes se acasalam. Poucas vezes. A sua vida é curta. Quando vejo que algum vai morrer com uma árvore caindo em cima dele, ou um que se afoga num poço de alcatrão, anoto a hora, minuto, e segundos exatos. Disparo um revólver de tinta. Deixa uma marca vermelha em seus flancos. Não podemos nos enganar. Então correlaciono com a chegada ao Caminho, de modo que encontremos o monstro a não mais de dois minutos de sua morte, inevitável. Desta forma, matamos apenas animais sem futuro, que nunca vão se acasalar de novo. Vê como somos cuidadosos?

— Mas se esta manhã você voltou no Tempo, deve ter cruzado conosco mesmos, nosso Safári! Como nos saímos? Tivemos sucesso? Conseguimos voltar todos... vivos?

Travis e Lesperance entreolharam-se.

— Isso seria um paradoxo — falou este último. — O Tempo não permite esse tipo de confusão; um homem encontrando a si mesmo. Quando há o risco de tais situações, o Tempo desvia-se. Como um avião passando por um vácuo. Sentiu a Máquina pular antes de pararmos? Éramos nós passando por nós mesmos, a caminho do Futuro. Não vimos nada. Não há meio de dizer se esta expedição teve sucesso; se pegamos nosso monstro, ou se todos nós, isto é, o senhor, Sr. Eckels, saiu vivo.

Eckels sorriu, palidamente.

— Parem com essa conversa — interrompeu Travis. — Todos de pé! Estavam prontos para deixar a Máquina.

A selva era alta, a selva era larga, a selva era todo o mundo, para sempre. Sons como música, e sons como tendas voando, encheram o ar, e eram pterodátiles planando com cavernosas asas cinzentas, morcegos gigantescos de delírio e febre noturna. Eckels, equilibrado no estreito Caminho, apontou seu rifle, bem-humorado.

— Pare! — falou Travis. — Não aponte nem mesmo por brincadeira, idiota! Se a arma dispara... Eckels enrubesceu. — Onde está nosso

Tyranosaurus?

Lesperance checou seu relógio de pulso. — Logo à frente. Vamos estar no caminho dele em sessenta segundos. Atenção para a tinta vermelha! Não atire até que eu mande. Fique no Caminho. Fique no Caminho!

Moveram-se adiante, pelo vento da manhã.

Estranho — murmurou Eckels. — Lá adiante, daqui a sessenta milhões de anos, fim das eleições. Keith presidente. Todos celebrando. E aqui estamos, perdidos num milhão de anos, e eles não existem ainda. As coisas que nos preocuparam por meses, por uma vida inteira, nem nasceram nem foram idealizadas ainda.

— Soltar as travas, todos! — ordenou Travis. Você dá o primeiro tiro, Eckels; Billings, o segundo; e Kramer, o terceiro.

— Já cacei tigre, javali, búfalo, elefante, mas agora isto... — disse Eckels. — Estou tremendo como uma criança.

— Ah — fez Travis. Todos pararam.

Travis ergueu a mão. — À frente — falou, em voz baixa. — Na neblina. Lá está ele. Ali está Sua Majestade Real agora.



A selva era ampla e cheia de gorjeios, farfalhares, murmúrios e suspiros. Subitamente, tudo cessou, como se alguém tivesse fechado a porta.

Silêncio.

Um som de trovão.

Da neblina, a cem jardas, vinha o Tyranosaurus rex.

— É ele — cochichou Eckels, — é ele... — Psss!

Ele veio sobre grandes pernas, oleosas, resilientes. Erguia-se a trinta pés, acima da metade das árvores, um grande deus do mal, dobrando suas delicadas garras de relojoeiro perto de seu peito oleoso,

reptílico. Cada pata inferior era um pistão, mil libras de osso branco, mergulhadas em grossas cordas de músculos, revestidas por um brilho de uma pele pedregosa, como a malha de um terrível guerreiro. Cada coxa, uma tonelada de carne, marfim e aço trançado. E da grande gaiola arquejante da parte superior do corpo, aqueles dois braços delicados pendurados para a frente, braços que poderiam erguer e examinar os homens como brinquedos, enquanto se dobrava o pescoço de serpente. E a cabeça mesmo, uma tonelada de pedra esculpida, erguida com facilidade contra o céu. Sua boca escancarava-se, expondo uma cerca de dentes como dardos. Seus olhos rolavam, ovos de avestruz, vazios de qualquer expressão, exceto fome. Fechava a boca num sorriso da morte. Corria, seus ossos pélvicos derrubando para os lados árvores e arbustos, seus pés, com garras, afundando-se na terra úmida, deixando marcas de seis polegadas de profundidade onde quer que apoiasse seu peso. Corria com um passo deslizante de balé, muito aprumado e equilibrado para suas dez toneladas. Movia-se, cansado, numa arena ensolarada, suas mãos lindamente reptilianas tateando o ar.

— Ora, vejam — Eckels torceu a boca. — Poderia esticar-se e pegar a lua.

— Pssst! — fez Travis, nervoso. — Ele ainda não nos viu.

— Não pode ser morto. — Eckels pronunciou seu veredito, quieto, como se não pudesse haver discussão. Tinha avaliado a evidência, e era essa sua abalizada opinião. O rifle em sua mão parecia uma arma de brinquedo. — Fomos loucos de ter vindo. Isto é impossível.

— Cale-se! — silvou Travis.

— Pesadelo.

— Dê meia volta — comandou Travis. — Vá em silêncio para a Máquina. Podemos reembolsar-lhe metade de sua passagem.

— Não percebia como seria grande — falou Eckels. — Avaliei mal, foi isso. E agora quero desistir.

— Ele nos viu!

Lá está a tinta vermelha em seu peito!

O Lagarto Tirano levantou-se. Sua carne de armadura rebrilhava como mil moedas verdes. As moedas, com uma crosta de lama, ferviam. No lodo, pequenos insetos esperneavam, de modo que todo o corpo parecia retorcer-se e ondular, mesmo enquanto o monstro não se movia. Expirou. O cheiro de carne crua foi soprado pelos ermos.

— Deixe-me sair daqui — disse Eckels. — Nunca foi como isto agora. Eu sempre estava certo de que poderia sair vivo. Eu tinha bons guias, bons safáris e segurança. Desta vez, enganei-me. Encontrei algo que me supera e reconheço. É demais para eu enfrentar.

— Não corra — falou Lesperance. — Dê a volta. Esconda-se na Máquina.

— Sim — Eckels parecia entorpecido. Olhou para seus pés, como que tentando fazê-los mover-se.

Deu um grunhido, incapaz.

— Eckels!

Deu alguns passos, piscando, hesitante.

— Não por aí!

O Monstro, ao primeiro movimento, impulsionou-se para a frente com um grito terrível. Cobriu cem jardas em seis segundos. Os rifles ergueram-se rapidamente e iluminaram-se com o fogo. Um vendaval da boca da besta engolfou-os na fedentina do lodo e sangue envelhecido. O Monstro rugiu, dentes brilhando ao sol.

Eckels, sem olhar para trás, caminhou cegamente para a borda do Caminho, sua arma carregada frouxamente em seus braços; saiu do Caminho e andou, inadvertidamente, pela floresta. Seus pés afundaram em musgo verde. Suas pernas o carregavam, e ele se sentia só e afastado dos eventos lá atrás.

Os rifles dispararam de novo. O som perdeu-se no grito e no trovão do lagarto. O grande volume da cauda do animal lançou-se para cima e para o lado. Árvores explodiram em nuvens de folhas e ramos. O

Monstro torceu suas mãos de joalheiro para acariciar os homens, para dobrá-los ao meio, para esmagá-los, como frutinhas, para empurrá-los para seus dentes e sua garganta ruidosa. Seus olhos, quais rochedos, estavam ao nível dos homens. Viram-se espelhados. Dispararam nas pálpebras metálicas e na luminosa íris.

Como um ídolo de pedra, como uma avalanche de montanha, o Tyranossaurus caiu. Trovejando, agarrou árvores e puxou-as consigo. Agarrou e cortou o Caminho. Os homens precipitaram-se para trás e para longe. O corpo abateu-se, dez toneladas de carne fria e pedra. Os rifles dispararam. O Monstro brandiu sua cauda blindada, crispou suas mandíbulas de serpente e imobilizou-se. Uma fonte de sangue jorrava de sua garganta. Em algum lugar lá dentro, um saco de fluido estourou. Borbotões nauseantes inundaram os caçadores. Lá estavam, vermelhos, brilhantes.

O trovão dissipou-se.

A selva estava silenciosa. Depois da avalanche, uma paz verde. Depois do pesadelo, o amanhecer. Billings e Kramer praguejavam pesadamente, com seus rifles ainda fumegando.

Na Máquina do Tempo, face abatida, Eckels tremia. Tinha conseguido voltar ao Caminho e subira na Máquina.

Travis chegou, olhou para Eckels, pegou gaze de algodão e virou-se para os outros, que estavam sentados sobre o Caminho.

— Limpem-se.

Limparam o sangue de seus capacetes. Começaram a resmungar também. O Monstro jazia ali como uma montanha de carne. Dentro dele, podia-se ouvir os sopros e murmúrios, enquanto seus recessos iam morrendo, os órgãos parando de funcionar, líquidos circulando um último instante, de saco para a bolsa, para vesícula, tudo desligando-se, parando para sempre. Era como ficar perto de uma locomotiva acidentada ou uma escavadeira a vapor, no momento de desligar, com todas as válvulas sendo desativadas. Ossos estalavam; a tonelagem de sua própria carne, desequilibrada, peso morto,

quebrava os delicados braços, do lado de baixo. A carne se assentava aos tremores.

Outro estalido. Mais acima, um enorme galho de árvore partiu de sua pesada ancoragem, caiu.

Golpeou certamente a fera morta.

— Pronto. — Lesperance verificou seu relógio. — Bem na hora. Essa era a grande árvore que deveria cair e matar este animal, originalmente. — Olhou para os dois caçadores. — Querem tirar a foto de troféu?

— Quê?

— Não podemos levar o troféu para o Futuro. O corpo deve ficar aqui, onde deveria originalmente morrer, de modo que os insetos, pássaros e bactérias possam devorá-lo, como devem. Tudo equilibrado. O corpo fica. Mas podemos tirar uma fotografia de vocês a seu lado.

Os dois homens fizeram força para pensar, mas desistiram, abanando as cabeças.

Deixaram-se guiar ao longo do Caminho de metal. Afundaram cansados, nos assentos da Máquina. Olharam de novo para o Monstro arruinado, o montículo em estagnação, onde já estranhos pássaros reptilianos e insetos dourados estavam ocupados com a fumegante armadura.

Um som no chão da Máquina do Tempo deixou-os tensos. Eckels estava lá, tremendo.

— Lamento muitíssimo — disse.

— Levante-se! — gritou Travis. Eckels levantou-se.

— Vá para o Caminho sozinho — falou Travis, com seu rifle apontado. Não vai voltar para a Máquina.

Vamos deixá-lo aqui!

Lesperance agarrou o braço de Travis. — Espere...

— Fique fora disto! — Travis desvencilhhou-se de sua mão. — Este louco quase matou-nos. Mas isso não é tanto assim. Vejam seus sapatos! Vejam! Ele saiu do Caminho. Isso nos arruína! Seremos

multados! Milhares de dólares de seguro! Garantimos que ninguém deixa o Caminho, e ele o deixou. Ora, o louco! Terei de informar o Governo.

Poderão cancelar nossa licença para viajar. Quem sabe o que ele fez ao Tempo, à História!

— Calma, tudo o que ele fez foi pisar em alguma sujeira.

— Como saber? — gritou Travis. — Não sabemos nada! É um mistério! Saia, Eckels! Eckels mexeu em sua camisa. — Pago qualquer coisa. Mil dólares!

Travis olhou para o talão de cheques de Eckels e cuspiu. — Saia. O Monstro está perto do Caminho.

Afunde os braços até os cotovelos na boca dele. Então poderá voltar conosco.

— Isto é irrazoável!

— O Monstro está morto, seu idiota. As balas! As balas não podem ser deixadas para trás. Elas não pertencem ao Passado; poderão mudar alguma coisa. Aqui está a minha faca. Cave-as!

A selva estava viva de novo, cheia de antigos tremores e do barulho dos pássaros. Eckels voltou-se lentamente para olhar o monte de carniça primordial, aquela montanha de pesadelos e terror. Depois de um longo tempo, como um sonâmbulo, arrastou-se ao longo do Caminho.

Voltou, tremendo, cinco minutos depois, com seus braços ensopados e vermelhos até os cotovelos.

Estendeu as mãos. Cada uma segurava algumas balas de aço. Então caiu e ficou lá, imóvel.

— Você não precisava obrigá-lo a isso — comentou Lesperance.

— Não? É cedo ainda para dizer. — Travis tocou o corpo, com o pé.

— Viverá. Da próxima vez não vai sair para caçar este tipo de caça.

OK. — Ergueu o polegar para Lesperance. — Dê a partida. Vamos para casa.



1492. 1776. 1812.

Limparam suas mãos e faces. Trocaram de roupa. Eckels estava de pé de novo, mudo. Travis olhou para ele por dez minutos.

— Não olhe para mim — exclamou Eckels. — Não fiz nada.

— Quem pode saber?

— Apenas saí do Caminho, foi tudo, um pouco de lama em meus sapatos; que quer que eu faça? Que me ajoelhe e reze?

— Talvez precisemos disso. Estou lhe avisando, Eckels! Posso matá-lo, ainda. Minha arma está engatilhada.

— Estou inocente. Não fiz nada! 1999. 2000. 2055.

A Máquina parou.

— Saia — ordenou Travis.

A sala lá estava, tal como quando saíram. Mas não exatamente a mesma. O mesmo homem atrás da mesma escrivaninha. Mas o mesmo homem não parecia estar sentado exatamente atrás da mesma escrivaninha.

Travis olhou em volta, depressa.

— Tudo em ordem por aqui? — foi logo perguntando.

— Claro. Bem-vindos ao lar!

Travis não relaxou. Parecia estar olhando para os próprios átomos do ar, e para o modo pelo qual o sol entrava pela janela alta.

— OK, Eckels, saia. E nunca mais volte.

Eckels não podia mover-se.

— Ouviu-me — falou Travis. — Para o quê está olhando?

Eckels ficou, cheirando o ar, e havia algo no ar, uma substância tão tênue, tão sutil, que apenas um fraco aviso de seus sentidos subliminares avisavam- lhe que estava ali. As cores, branco, cinza, azul, laranja, na parede, na mobília, no céu, pela janela, eram... eram... E havia uma sensação. Sua carne crispava-se. Ficou bebendo aquela

estranheza com os poros de seu corpo. Em algum lugar, alguém devia estar soprando naqueles apitos que só os cães podem ouvir. Seu corpo gritava silenciosamente, em resposta. Além deste aposento, além desta parede, além deste homem, que não era exatamente o mesmo homem que estava sentado àquela mesa, que não era bem a mesma mesa... estava todo um mundo de ruas e gente. Que espécie de mundo era agora, não havia como dizer. Ele podia senti-los mover-se ali, além das paredes, quase, como peças de xadrez por um vento quente...

Mas a coisa mais imediata era o anúncio pintado na parede do escritório, o mesmo que havia lido hoje ao entrar. De alguma forma, o anúncio havia mudado:

*SEFARIS NU TENPO, INC.
SEFARIS PRA QUALQUER ANO PAÇADO.
CÊ DIS QUI ANIMAU.
NÔIS LEVAMOS CÊ LÃ.
CÊOABAT.*

Eckels sentiu-se caindo numa cadeira. Ficou mexendo, como louco, na lama em suas botas. Ergueu um pedaço de algo enlameado, tremendo. — Não, não pode ser, não uma coisinha assim, não!

Embebida na lama, brilhando em verde e dourado e preto, havia uma borboleta, muito bela, e muito morta.

Não uma coisa assim! Não uma borboleta! — gritou Eckels.

Caiu ao chão, uma coisa exótica, pequena, que poderia desmanchar equilíbrios e derrubar uma fila de dominós pequenos, e então grandes dominós, e então dominós gigantes, por todos os anos através do Tempo. A mente de Eckels turbilhonava. Não podia mudar as coisas. Matar uma borboleta não podia ser tão importante! Ou poderia?

Seu rosto estava frio. Sua boca hesitava, ao perguntar: — Quem... quem ganhou a eleição presidencial ontem?

O homem atrás da escrivania riu-se. — Está brincando? Sabe muito bem. Deutscher, claro! Quem mais? Não aquele maluco pusilânime do Keith. Temos um homem de ferro, agora, um homem de peito! — O funcionário parou. — O que há de errado?

Eckels gemeu. Caiu de joelhos. Examinava a borboleta dourada com dedos trêmulos. — Não podemos — implorava ao mundo, a si mesmo, aos funcionários, à Máquina. — Não podemos levá-la de volta, não podemos fazê-la viver de novo? Não podemos recomeçar? Não poderíamos...

Não se moveu. Olhos fechados, esperou, abalado. Ouviu Travis ofegando, na sala; ouviu Travis apontar o rifle, destravá-lo.

Houve um som de trovão.

Referência bibliográfica:

BRADBURY, Ray. Um som de trovão. In: BRADBURY, Ray. **Os frutos dourados do sol**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 69 – 82.

Vamos conversar?



Depois de mergulhar no conto “Um som de trovão”, quero saber: **você gostou da história?**

Algumas pessoas se encantam com o suspense, outras ficam intrigadas com os paradoxos do tempo... e há quem termine a leitura pensando: “Mas tudo isso por causa de uma borboleta?”

E é justamente por isso que esse texto é tão interessante para pensar como lemos. Histórias como essa têm camadas, pistas escondidas, sentidos implícitos... e, para percebê-los, precisamos usar estratégias que nos ajudem a construir significado.

Agora que você já conhece o conto, vamos descobrir juntos algumas dessas estratégias?

Estratégias de leitura

Ler bem é muito mais do que “passar os olhos” nas palavras. É **pensar**, **refletir** e **conversar** com o texto. A professora Isabel Solé (2014) explica que um bom leitor tem estratégias — ou seja, maneiras conscientes de ler — que o ajudam a compreender e aprender melhor. Essas estratégias podem ser divididas em três momentos: antes, durante e depois da leitura.

1. Antes da leitura: prepare o caminho

Antes de começar, pense por que você vai ler e para que. Ter um objetivo ajuda o cérebro a se concentrar. Observe o título, as imagens, o autor e as primeiras linhas: isso ativa o que você **já sabe** sobre o assunto e permite fazer previsões sobre o texto.

Observar o título, o subtítulo, as imagens, o nome do autor e detectar o gênero textual permite ativar conhecimentos prévios e criar hipóteses sobre o conteúdo. Esse movimento favorece a entrada no texto com maior segurança e clareza. Perguntas como “O que já sei sobre esse tema?”, “Que relação esse assunto tem com experiências anteriores?” e “O que espero encontrar?” ajudam a iniciar o processo de compreensão de modo mais consciente.

2. Durante a leitura: converse com o texto

Enquanto lê, mantenha-se ativo. Faça perguntas sobre o texto, destaque palavras importantes e tente relacionar o que está lendo com suas experiências. Se algo não fizer sentido, volte e releia o trecho com calma. Um leitor precisa monitorar a própria compreensão, ou seja, perceber quando entende e quando precisa revisar. Ler é um processo de diálogo — o texto fala, mas o leitor também pensa e responde.

Além dessas ações, o leitor também precisa lidar com as dúvidas que surgem no percurso e utilizar procedimentos que favoreçam a construção de sentido. Isso inclui estabelecer inferências a partir do contexto, testar hipóteses de interpretação e retomar trechos para verificar se a compreensão está coerente com os objetivos definidos antes da leitura. Quando encontra uma palavra desconhecida ou uma passagem ambígua, pode recorrer a pistas do texto, buscar relações com conhecimentos prévios ou avançar um pouco para tentar completar o significado. Regular a compreensão envolve reconhecer o momento em que o entendimento se rompe e ajustar o modo de ler, mantendo a atenção voltada para aquilo que o texto exige.

3. Depois da leitura: organize e reflita

Ao terminar, pense sobre o que aprendeu. Faça um resumo, elabore um pequeno mapa mental ou discuta o texto com colegas. Relembrar as ideias principais e comparar com as previsões feitas no início ajuda a consolidar o conhecimento. Também é um bom momento para refletir: “O que esse texto me fez pensar?” e “Como posso usar o que aprendi?”.

Além dessas ações, é possível aprofundar a compreensão retomando perguntas formuladas antes da leitura e avaliando em que medida o texto as respondeu. Organizar as informações em esquemas, quadros

ou outras representações visuais ajuda a perceber relações internas, identificar lacunas e integrar o conteúdo a conhecimentos prévios. Esse é um momento oportuno para ampliar o alcance da leitura, conectando o texto a outros temas e contextos e examinando dúvidas que ainda permaneçam. Refletir sobre como essas ideias podem ser aplicadas em situações diversas contribui para desenvolver a autonomia leitora e a capacidade de aprender a partir dos textos.

Entendendo o que está nas entrelinhas

Nem tudo o que o texto quer dizer aparece de forma direta. Há sempre sentidos implícitos, isto é, informações que o autor sugere, mas não diz abertamente. Medeiros (2023) explica três elementos importantes para compreender essas entrelinhas: o **pressuposto**, o **subentendido** e o **viés**. Entretanto, para falarmos sobre o tema, vamos primeiro falar o que é o **posto**.

O **posto** corresponde ao que é explicitamente dito pelo enunciador. É a informação que aparece diretamente na superfície linguística, sem depender de inferências adicionais para ser identificada. Temos um exemplo no seguinte fragmento:

*— Este safári garante que eu volte vivo?”
— “Não garantimos nada — falou o funcionário — exceto os dinossauros.”*

O que está posto aqui:

O funcionário afirma explicitamente que a empresa não garante a segurança do cliente.

Também afirma que eles garantem a existência dos dinossauros.

A partir disso, temos os **pressupostos**, que são ideias que o texto apresenta como verdadeiras, mesmo sem dizê-las diretamente. Eles aparecem em certas palavras ou expressões que carregam significados implícitos, como ainda, já, continuar ou voltar. O leitor precisa reconhecê-los para entender o que está sendo realmente afirmado.

No conto de Bradbury (1985), há um pressuposto quando o guia diz:

“Se Deutscher tivesse ganho, teríamos a pior ditadura.”

A fala pressupõe que a eleição define o futuro da liberdade e que uma escolha errada pode levar à destruição da sociedade — algo que o autor não diz abertamente, mas deixa implícito.

Os **subentendidos** são mensagens sugeridas, dependentes da interpretação do leitor. Eles não são evidentes, mas podem ser percebidos pelo tom, pela ironia ou pelo contexto. O autor insinua algo e deixa que o leitor complete o sentido.

No conto, um subentendido surge quando Travis grita:

“Vá para o Caminho sozinho [...] Vamos deixá-lo aqui!”

O texto não explica o que ele sente, mas o leitor percebe a raiva e o julgamento moral — uma condenação simbólica de Eckels por ter alterado o passado.

O **viés** diz respeito à perspectiva ou ao ponto de vista que orienta o texto. Todo autor faz escolhas: o que mostrar, o que omitir, como descrever. Essas escolhas revelam uma posição ideológica ou valorativa. O viés não é necessariamente negativo, mas precisa ser percebido, porque influencia o modo como interpretamos os fatos e personagens.

Em nosso texto-base, o viés aparece logo no início, na propaganda da empresa:

“Safáris no Tempo, Inc. — Você diz qual animal, nós o levamos lá, você o abate.”

A frase revela um olhar comercial e elitista sobre a natureza, tratando o tempo e os seres vivos como mercadorias. Esse viés ideológico antecipa a crítica de Bradbury à ambição humana e ao uso irresponsável da tecnologia.

Perceber esses aspectos é parte do trabalho de quem lê de forma crítica. Ler de forma ativa significa participar dessa construção: o texto oferece pistas, mas é o leitor quem completa o significado.

Desafio da Unidade 1

Ao lermos um texto, podemos observá-lo sob diferentes perspectivas: o foco no autor busca compreender as intenções e o contexto histórico de quem o escreveu; o foco no texto privilegia a estrutura, a linguagem e os elementos narrativos; o foco no leitor valoriza as interpretações e experiências individuais de quem lê; e o foco na interação autor-texto-leitor integra essas dimensões, relacionando a obra, o leitor e a sociedade.

Foco no Autor

Compreender as intenções e o contexto histórico de quem escreveu o texto

**Foco na Interação**

Integrar todas as dimensões, relacionando obra, leitor e sociedade

**Foco no Texto**

Privilegiar a estrutura, a linguagem e os elementos narrativos

**Foco no Leitor**

Valorizar as interpretações e experiências individuais de quem lê



Agora que você já explorou o conto *"Um som de trovão"*, é hora de colocar essas perspectivas em prática. Reflita e responda às questões a seguir:

- 1 De que maneira o autor reflete sobre as preocupações sociais e políticas de sua época no conto?
- 2 Em que medida a visão de futuro apresentada pelo autor se conecta com os medos contemporâneos?
- 3 Qual é a importância do anúncio da empresa no início e no final do conto?
- 4 Como a repetição da frase "Fique no Caminho" contribui para a construção do enredo?
- 5 Em sua opinião, o que a borboleta simboliza na história?
- 6 Você já viveu alguma situação em que um detalhe aparentemente insignificante teve grandes efeitos? Compartilhe.
- 7 De que maneira a viagem no tempo no conto pode ser vista como uma metáfora para as escolhas humanas?

8 Como a narrativa evidencia que ciência e ética estão interligadas?

Para fechar esta unidade...

Agora que você releu trechos, explorou sentidos implícitos, refletiu sobre escolhas e analisou o conto por diferentes perspectivas, chegou o momento de encerrar esta etapa com calma. As perguntas que você respondeu não servem apenas para “testar” se entendeu a história; elas funcionam como uma forma de aprofundar a leitura, ampliar o olhar e perceber detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos na primeira vez.

Revisitar o texto é um gesto poderoso: cada releitura abre portas novas, revela pistas escondidas e fortalece estratégias que você levará para qualquer outro texto acadêmico ou literário. Pensar sobre a narrativa — e sobre o que ela provoca em você — é parte essencial do processo de aprendizagem.

Que este conto tenha despertado sua curiosidade para o tema dos futuros possíveis, para a relação entre ciência, tecnologia e responsabilidade e, principalmente, para a importância das escolhas humanas, grandes ou pequenas.

Quando estiver pronto(a), podemos seguir para a próxima unidade. Há muito ainda para descobrir — e nós seguimos aqui, caminhando com você.



UNIDADE 2

Escrever para construir sentidos

Depois de explorar estratégias de leitura e interpretar o conto com atenção, seguimos agora para um novo movimento: escrever sobre o que lemos. Nesta unidade, vamos trabalhar dois gêneros muito presentes na vida acadêmica — o resumo e a resenha. Eles parecem simples à primeira vista, mas exigem escolhas cuidadosas, organização e, principalmente, um bom entendimento do texto-base.

Aqui, o objetivo é ajudá-lo(a) a transformar compreensão em escrita. Vamos aprender a selecionar ideias, identificar o essencial, registrar informações de forma clara e construir opiniões fundamentadas. No resumo, você pratica a síntese; na resenha, exercita o diálogo com o texto, deixando sua voz aparecer de modo crítico e responsável.

Ao longo da unidade, caminharemos passo a passo: primeiro conhecendo as estratégias de escrita, depois entendendo o que caracteriza cada gênero e analisando exemplos e, por fim, produzindo seus próprios textos. Não se preocupe — cada atividade foi pensada para tornar o processo leve, consciente e possível.

Vamos começar?

Dica de filme: Lapso Temporal (2014)

Se você gostou de *Um Som de Trovão*, fica a dica: *Lapso Temporal* conta a história de três amigos que encontram uma máquina capaz de fotografar o futuro 24 horas antes. O que começa como curiosidade logo se torna tensão e escolhas arriscadas. Combinando suspense e ficção científica, o filme mostra como tentar prever o amanhã pode afetar relações, gerar dilemas éticos e desafiar a ideia de controlar o tempo.

Estratégias de produção textual ³⁸

A escrita é uma atividade complexa. Não se trata apenas de “colocar ideias no papel”, mas de construir sentidos em diálogo com o leitor. Para as professoras Ingedore Koch e Vanda Elias (2010), produzir um texto significa elaborar um projeto de dizer, mobilizando conhecimentos sobre a língua, sobre o mundo e sobre o contexto comunicativo. Escrever envolve decisões contínuas: que informações selecionar, como organizá-las, de que modo torná-las claras e adequadas ao leitor. Esse processo pode ser compreendido em três momentos principais: **planejamento, produção e revisão.**

1. Antes da escrita: planejar o texto e o leitor

Antes de começar a escrever, é importante definir o objetivo (“para que escrever?”) e o interlocutor (“para quem escrever?”). Segundo Koch e Elias (2010), todo texto nasce de uma intenção comunicativa situada: não existe escrita neutra ou descontextualizada. Analisar o gênero, o tema e o suporte ajuda o escritor a ativar conhecimentos relevantes e a fazer escolhas mais adequadas.

Observar o gênero discursivo — se é um artigo científico, um ensaio, uma resenha ou um relato — permite antecipar formato, estilo e conteúdo. Esses modelos são parte de nosso repertório social: aprendemos a escrever textos porque convivemos com eles em diferentes práticas de leitura e comunicação. Perguntas como “Que tipo de texto se espera aqui?”, “O que esse gênero costuma apresentar?” e “Que conhecimentos o leitor provavelmente já tem?” contribuem para organizar o início da escrita.

O planejamento também envolve selecionar as ideias principais e decidir como organizá-las. Elaborar um esquema, listar tópicos ou construir um mapa conceitual pode ajudar a garantir que o texto tenha continuidade temática e progressão, dois aspectos decisivos

na construção da coerência.

2. Durante a escrita: construir sentidos e acompanhar o próprio percurso

Escrever não é um processo linear. Koch e Elias (2010) mostram que o escritor avança e recua, formula e reformula, monitora o que diz e ajusta sua linguagem para orientar o leitor. Esse movimento tem base interacional: o produtor escreve considerando o leitor como parte constituinte do sentido.

Ao escrever, é possível adotar algumas ações importantes:

→ Manter a progressão temática: cada parágrafo deve desenvolver uma nova etapa da ideia central, evitando repetições desnecessárias.

→ Integrar informações novas e dadas: um texto claro articula o que o leitor já sabe com o que precisa ser introduzido, evitando lacunas ou excesso de explicações.

→ Criar coesão por meio de referências e conectores: a escolha adequada de pronomes, sinônimos e expressões de retomada ajuda a orientar a leitura e evita ambiguidades. Muitas dificuldades observadas em textos acadêmicos, como repetições excessivas, decorrem da falta de controle desse mecanismo.

→ Formular inferências enquanto produz: assim como o leitor precisa inferir, o escritor antecipa como o leitor interpretará suas pistas, ajustando explicações e exemplos para favorecer a compreensão.

→ Monitorar o entendimento: se uma frase parece confusa, longa ou desconectada do restante, é um sinal de que precisa ser reescrita.

Escrever é dialogar com o leitor imaginado. O texto não é apenas uma sequência de frases, mas um conjunto articulado de sentidos que precisa ser construído de modo consciente e responsável.

3. Depois da escrita: revisar, reorganizar e reescrever

A revisão não é uma etapa final, mas parte constitutiva da escrita. Koch e Elias (2010) mostram que a reescrita permite ao autor ajustar escolhas, reorganizar trechos e aprimorar o relacionamento entre forma e sentido. Não se trata apenas de corrigir erros, mas de reconstruir o texto quando necessário.

Uma boa revisão envolve:

- Verificar se o objetivo comunicativo foi alcançado: o texto responde ao propósito inicial? Está adequado ao interlocutor?
- Revisar a coerência: as ideias estão conectadas? Há rupturas na linha de raciocínio?
- Ajustar coesão e referenciação: pronomes, conectores e repetições estão empregados de forma clara? Há ambiguidades?
- Avaliar escolha lexical e estilo: o vocabulário está adequado ao gênero e ao público?
- Reescrever trechos frágeis: reformular parágrafos, cortar excessos, acrescentar informações que fiquem faltando.

O que está nas entrelinhas da escrita

Assim como na leitura, há aspectos implícitos na produção textual que o estudante precisa perceber e manejar. Todo texto traz pressupostos, informações supostas, conhecimento compartilhado com o leitor. Além disso, há escolhas de foco, seleção de detalhes e omissões que revelam a perspectiva do autor.

Escrever envolve, portanto, antecipar efeitos de sentido. Uma construção ambígua pode levar a interpretações indesejadas; uma explicação incompleta pode impedir o leitor de acompanhar o raciocínio; um argumento mal justificado compromete a credibilidade

do texto. Ser capaz de prever esses efeitos é parte do desenvolvimento da autonomia como escritor.

Aprender a escrever melhor não é aprender “palavras difíceis”, mas aprender a pensar o texto como um todo, em um trabalho contínuo de escolhas, ajustes e diálogo com o leitor.

Produção de resumos e resenhas

Aprender a resumir e a resenhar textos é uma das habilidades mais importantes em nossa vida acadêmica. Essas práticas nos ajudam a ler com atenção, compreender ideias complexas e escrever de forma clara e objetiva. Embora pareçam semelhantes, resumo e resenha têm finalidades diferentes — e conhecer essa diferença é o primeiro passo para produzir bons textos.

1. O que é um resumo

Um resumo é uma síntese fiel das ideias centrais de um texto. De acordo com Medeiros (2023), seu objetivo é apresentar o conteúdo principal de forma breve, sem incluir opiniões pessoais. Ele deve permitir que o leitor compreenda o assunto sem precisar, necessariamente, consultar o texto original.

Tipos de resumo:

Resumo indicativo: apresenta apenas os tópicos principais, sem detalhar resultados ou conclusões. Exemplo: o resumo que aparece em catálogos de livros ou sites de livrarias.

Resumo informativo: descreve objetivos, métodos, resultados e conclusões. É o tipo usado em artigos científicos, TCCs, teses e dissertações.

Resumo crítico: também conhecido como resenha, inclui avaliação e comentários — por isso é um gênero à parte.

Como fazer um bom resumo:

- leia o texto inteiro com calma e identifique o tema central;
- destaque as ideias principais e elimine exemplos, repetições e detalhes secundários;
- reescreva com suas próprias palavras, respeitando a ordem lógica das ideias;
- evite comentários pessoais, citações diretas e juízos de valor;
- revise para garantir que o texto tenha coesão e que o leitor compreenda o essencial sem voltar ao original.

Um bom resumo responde a duas perguntas: **“De que trata o texto?”** e **“O que o autor quis demonstrar?”**.

2. O que é uma resenha

A resenha é um gênero mais analítico e avaliativo. Medeiros (2023) define a resenha como um texto que resume, interpreta e avalia uma obra, podendo ser um livro, artigo, filme ou espetáculo. Ela vai além da simples exposição: apresenta o ponto de vista do resenhista.

Tipos de resenha:

Resenha descritiva: apresenta o conteúdo da obra, sem juízos de valor.

Resenha crítica: além de resumir, avalia o mérito, a originalidade, a coerência e a relevância da obra. É o tipo mais comum no meio acadêmico.

Uma dúvida frequente entre os estudantes é: se toda resenha expressa o ponto de vista do autor, por que a resenha descritiva não apresenta juízo de valor?

Toda vez que alguém escreve uma resenha, inevitavelmente há um ponto de vista — porque há seleção, organização e hierarquização das informações. Mesmo quando o autor tenta apenas “descrever”, ele já faz escolhas que revelam sua leitura.

No entanto, o que distingue a resenha descritiva é que esse ponto de vista não é argumentado. Ou seja, o resenhista não julga, não compara, nem interpreta: ele apenas relata o conteúdo da obra de forma clara e fiel, funcionando quase como um resumo ampliado, com pequenas explicações sobre estrutura e finalidade.

Assim, a resenha descritiva restringe-se à exposição objetiva do conteúdo, sem apreciações críticas. Ela é usada, por exemplo, em fichamentos, catálogos de periódicos, relatórios de leitura e materiais de divulgação, quando o objetivo é informar o leitor sobre o conteúdo da obra — e não emitir um julgamento sobre sua qualidade, coerência ou relevância.

Na resenha crítica, o resenhista mantém a parte descritiva (resumo e contextualização), mas acrescenta interpretação, análise e juízo de valor. Aqui sim o ponto de vista se torna explícito e argumentado: o autor da resenha pode elogiar, questionar, comparar e discutir as ideias da obra com base em fundamentos teóricos.

Estrutura básica da resenha:

→ referência bibliográfica: dados da obra (autor, título, editora, ano, número de páginas);

- apresentação da obra: tema, área e contexto em que foi produzida;
- resumo do conteúdo: síntese objetiva das partes principais;
- análise e avaliação: pontos fortes e fracos, contribuições, limitações, relação com outras obras;
- conclusão: opinião fundamentada e, se desejar, indicação do público a que se destina.

Dicas práticas:

- leia o texto mais de uma vez, observando o objetivo do autor e como ele defende suas ideias;
- evite julgamentos genéricos como "gostei" ou "não gostei". Prefira argumentos sustentados em exemplos e conceitos;
- escreva em terceira pessoa e use linguagem formal e clara;
- seja equilibrado: elogie o que for pertinente e critique com respeito.

Vamos ver alguns exemplos?

1. Resumo indicativo

O conto "Um som de trovão", de Ray Bradbury (1952), apresenta uma narrativa de ficção científica em que uma empresa oferece viagens ao passado para caçadas pré-históricas. A história acompanha um grupo de caçadores que precisa seguir regras rígidas para evitar interferências no curso natural dos eventos históricos. A obra discute tecnologia, risco e possíveis efeitos de pequenas ações humanas.

Por que é um resumo indicativo?

- Fala só dos temas centrais.
- Não conta o que Eckels fez.

- Não menciona a borboleta.
- Não explica as consequências.
- Serve para indicar o conteúdo ao leitor, típico de catálogo, biblioteca ou site de livraria.

2. Resumo informativo

“Um som de trovão”, conto de Ray Bradbury publicado em 1952, narra uma expedição comercial ao passado realizada pela empresa Safáris no Tempo S.A. O objetivo dos viajantes é caçar um dinossauro específico, previamente marcado para morrer. Durante o passeio, o caçador Eckels desobedece às instruções de permanecer sobre uma plataforma suspensa e pisa na vegetação pré-histórica. Ao retornarem ao presente, o grupo descobre alterações linguísticas, sociais e políticas, originadas pela morte acidental de uma borboleta no passado. A narrativa discute os efeitos de pequenas ações sobre sistemas complexos e o impacto potencial do uso irresponsável da tecnologia.

Por que isso é um resumo informativo?

- Resume o enredo completo.
- Explica o que acontece e por que acontece.
- Apresenta o “resultado” narrativo.
- Mostra o tema geral e seu desenvolvimento.
- Equivale ao modelo usado em artigos e TCCs.

Precisa resumir um TCC ou artigo? Temos dicas!

Para resumir seu trabalho, apresente primeiro a visão geral do tema; depois, situe o contexto ou o público-alvo da pesquisa. Em seguida, informe o objetivo central do estudo e descreva, de forma breve, os procedimentos metodológicos utilizados. Conclua apontando os principais resultados e as considerações finais.

3. Resenha descritiva

Título: Um som de trovão

Autor: Ray Bradbury

Mídia: Conto literário (ficção científica)

Ano de publicação: 1952

O conto "Um som de trovão", escrito por Ray Bradbury, é uma narrativa de ficção científica ambientada em um futuro distante, no ano de 2055, quando viagens no tempo se tornaram possíveis e comercializadas



por uma empresa chamada Safáris no Tempo S.A.. O enredo acompanha Eckels, um caçador que paga uma alta quantia para viajar ao passado e caçar um Tyrannosaurus rex, sob a supervisão do guia Travis e de outros caçadores.

Durante a expedição, os viajantes recebem instruções rigorosas para não alterar nada no ambiente pré-histórico, devendo permanecer sobre uma passarela metálica que os impede de tocar o solo. A justificativa é que qualquer interferência, por menor que pareça, pode modificar o curso da história. No entanto, tomado pelo medo diante do dinossauro, Eckels desobedece às regras e pisa fora do caminho. Ao retornarem ao presente, ele e os demais percebem que pequenas mudanças transformaram radicalmente a realidade — inclusive os resultados das eleições presidenciais, que agora favorecem um candidato autoritário.

O conto apresenta um enredo linear, narrado em terceira pessoa,

com foco nas consequências de uma ação aparentemente insignificante que provoca alterações catastróficas no futuro. A viagem no tempo funciona como um recurso narrativo para discutir a relação entre tecnologia, ética e responsabilidade humana.

Entre os temas abordados, destacam-se a interferência humana na natureza, o efeito borboleta — simbolizado pela morte acidental de uma borboleta no passado — e a fragilidade das estruturas sociais e políticas diante de pequenas mudanças. A atmosfera é tensa e reflexiva, marcada por descrições detalhadas da selva, da máquina do tempo e do temor dos personagens diante das consequências de seus atos.

“Um som de trovão” combina elementos científicos e imaginativos para retratar um futuro onde o avanço tecnológico convive com dilemas éticos, sugerindo que toda ação humana, por menor que pareça, deixa marcas no mundo.

Referência bibliográfica:

BRADBURY, Ray. Um som de trovão. In: BRADBURY, Ray. **Os frutos dourados do sol**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 69–82.

Por que isso é uma resenha descritiva?

→ Apresenta apenas informações sobre a obra, como título, autor, ano e tipo de mídia, situando o leitor sem emitir juízo de valor.

→ Resume o enredo de forma objetiva, descrevendo os acontecimentos principais (expedição, regras, erro de Eckels, retorno ao presente) sem interpretar intenções do autor ou avaliar a narrativa.

→ Não contém opiniões pessoais, avaliações estéticas ou críticas sobre qualidade, estilo, coerência, construção de personagens ou relevância da obra.

→ Destaca temas e elementos estruturais, como viagem no tempo, responsabilidade e efeito borboleta, mas sempre em tom informativo, mostrando o que o conto apresenta, e não o que o leitor pensa sobre ele.

→ Mantém foco na descrição, ou seja, relata como a narrativa se organiza e quais tópicos aborda, sem realizar comparações, análises profundas ou comentários valorativos.

4. Resenha crítica

Resenha crítica - Um som de trovão, de Ray Bradbury
Nathália Pinheiro Martins



BRADBURY, Ray. *Um som de trovão*. In: BRADBURY, Ray. **Os frutos dourados do sol**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 69–82.

Publicado em 1952, o conto *Um som de trovão* narra uma expedição comercial ao passado — no ano de 2055 — em que clientes viajam no tempo para caçar um dinossauro, contratados pela agência “Safáris no Tempo, Inc.”. O guia impõe regras rígidas para evitar alterações nos eventos históricos, mas um dos caçadores, Eckels,

quebra a regra básica de permanecer sobre a plataforma elevada e pisa na terra do passado, matando uma borboleta. Esse ato aparentemente insignificante desencadeia uma série de mudanças radicais no futuro: a língua muda, o resultado de uma eleição presidencial se inverte e a realidade se transforma.

Bradbury articula os elementos de ficção científica de maneira elegante: a máquina do tempo, a selva pré-histórica, a tensão crescente e o clímax em que o guia, visivelmente enfurecido, executa Eckels. A narrativa explora a ideia de que uma intervenção mínima pode desencadear alterações desproporcionais, princípio que mais tarde ficaria conhecido como efeito borboleta. Após a publicação do conto, essa noção passou a ser amplamente associada à literatura e ao cinema de ficção científica, fazendo da obra uma das referências mais mencionadas quando se discute causalidade, destino e consequências imprevistas no uso da tecnologia.

A relevância da obra permanece alta no contexto contemporâneo: em tempos de inteligência artificial, edição genética, manipulação de dados e elevada complexidade de sistemas tecnológicos, o alerta de Bradbury sobre o risco de decisões mal avaliadas continua atual. Pequenas falhas em códigos, sistemas de recomendação ou ecossistemas digitais podem gerar efeitos em cadeia com impacto social, político ou ambiental — paralelos que dialogam diretamente com a lógica narrativa do conto.

Em termos de originalidade, a história se distingue por combinar aventura, crítica social e especulação científica em poucas páginas. A coerência interna sustenta tanto a tensão quanto o desfecho abrupto, criando impacto no leitor. O texto não aprofunda psicologicamente as motivações dos personagens, mas isso não constitui um problema:

trata-se de uma opção estilística do gênero conto, que privilegia intensidade, síntese e foco na situação narrativa. Assim, a concisão contribui para reforçar o caráter metafórico da obra e para concentrar a atenção do leitor na relação entre tecnologia, tempo e responsabilidade.

A influência de Um som de trovão é amplamente reconhecida dentro do gênero. Diversas obras posteriores retomam a ideia de uma intervenção mínima gerando consequências amplas, como filmes que lidam com paradoxos temporais e universos alternativos. A presença desse motivo narrativo em produções como Efeito Borboleta, em episódios de Doctor Who e em enredos de jogos baseados em escolhas ramificadas demonstra como o texto de Bradbury permanece um marco na cultura contemporânea ao discutir tecnologia, tempo e responsabilidade. Ao transformar uma simples borboleta em símbolo de instabilidade e risco, o conto reafirma que toda ação humana, por mais pequena que pareça, carrega a possibilidade de mudar o mundo.

Por que isso é uma resenha crítica?

→ Apresenta informações sobre a obra, situando o leitor quanto a título, autor, ano e contexto.

→ Inclui um resumo objetivo do enredo, descrevendo os eventos essenciais (expedição, erro de Eckels, retorno ao presente), mas usa esse resumo como base para uma análise, e não como finalidade única.

→ Contém juízo de valor fundamentado, característica indispensável da resenha crítica: a narrativa é avaliada quanto à construção da tensão, originalidade, impacto, estilo e função metafórica.

relevância cultural, histórica e conceitual dentro da ficção científica.

→ Relaciona a obra a temas contemporâneos, estabelecendo paralelos com debates atuais sobre tecnologia, risco e responsabilidade, elemento típico da avaliação crítica, que leva a obra além de sua sinopse.

→ Compara a obra com outras produções do gênero, mostrando sua influência e dialogando com filmes, séries e jogos posteriores.

→ Analisa escolhas narrativas, observando aspectos como concisão, foco narrativo, composição e estrutura, e interpreta esses aspectos como decisões estilísticas, não como falhas.

→ Interpreta a importância da obra, indicando sua relevância cultural, histórica e conceitual dentro da ficção científica.

Percebe como, quando vemos algo aplicado na prática, tudo parece mais simples? Os exemplos ajudam a visualizar o caminho e mostram que resumir e resenhar é menos sobre decorar regras e mais sobre entender o propósito de cada etapa. Agora que você já conhece o processo e observou os exemplos, é sua vez de experimentar — com calma, atenção e confiança no seu próprio jeito de escrever. Vamos para a atividade final?

Desafio da Unidade 2

Depois de viajarmos por futuros possíveis com o conto “Um Som de Trovão”, chegou o momento de explorar outras histórias que também imaginam mundos transformados pela tecnologia — e desta vez, quem escolhe o caminho é você!

Tecnologia aparece em todos os cantos: nos jogos que amamos, nos filmes que nos prendem à tela, nos animes cheios de imaginação, nos livros que nos fazem refletir e até nas séries cheias de dilemas éticos. De Mass Effect a Black Mirror, de Ghost in the Shell a Detroit: Become

Human, cada obra usa a tecnologia de um jeito diferente — para criar tensão, fazer pensar, emocionar, ou simplesmente nos transportar para outro universo.

E agora queremos conhecer uma obra que faz isso para você.

A ideia é simples, leve e divertida: escolha uma obra que trate do uso de tecnologia (de forma ética ou não) e escreva uma resenha descritiva sobre ela. Pode ser qualquer mídia: livro, filme, série, jogo, HQ, mangá... o que o seu coração escolher.

Na sua resenha, lembre-se de comentar:

→ Título e autor(a)/criador(a);

→ Tipo de mídia;

→ Contexto de produção (quando e onde foi criada);

→ Enredo (uma síntese objetiva da história e da tecnologia apresentada);

→ Personagens principais e como lidam com a tecnologia;

→ Temas que aparecem (vigilância, conforto, manipulação, controle...);

→ Recursos visuais ou narrativos que chamam atenção;

→ E a reflexão que a obra provoca sobre o uso da tecnologia.

Para fechar esta unidade...

Depois de explorar estratégias de produção textual, observar exemplos de resumos e resenhas e acompanhar o processo de planejar, escrever e revisar, é hora de encerrar esta etapa. Assim como na leitura, escrever exige um movimento atento: pensar no objetivo, considerar o leitor, organizar ideias e acompanhar o próprio percurso. Nada disso acontece de uma vez só — é um processo que se constrói pouco a pouco, com escolhas conscientes.

Os exemplos apresentados não serviram apenas para ilustrar conceitos, mas para mostrar como a escrita ganha forma quando observamos estrutura, foco e intenção. Ver modelos concretos torna o caminho mais claro e ajuda a perceber que escrever bem não é um talento misterioso, mas uma prática que se fortalece com repetição, análise e reescrita.

Que esta unidade tenha ajudado você a compreender a escrita como um espaço de construção de sentidos!



Palavras finais

Ler e escrever não são dons concedidos a poucos, mas caminhos que se constroem passo a passo, como quem aprende a ouvir o mundo com mais atenção e a responder a ele com mais cuidado. Ninguém nasce pronto: cada leitor se forma na convivência com os textos, e cada escritor se descobre na tentativa, no rascunho, na coragem de recomeçar.

Haverá dias em que as palavras parecerão distantes, e outros em que tudo fluirá com delicadeza. Ambos fazem parte do processo. O importante é continuar — voltar ao texto, ajustar o olhar, reinventar a frase, permitir-se errar e tentar de novo. A persistência, silenciosa e cotidiana, abre caminhos que antes pareciam impossíveis.

Que você nunca esqueça: a leitura se aprende lendo, e a escrita se aprende escrevendo. E, em cada novo avanço, por menor que pareça, há um mundo inteiro se abrindo diante de você. Continue caminhando. O conhecimento sempre acompanha quem não desiste de buscá-lo.

Com carinho,
Nathália e Denise

Referências

BRADBURY, Ray. Um som de trovão. *In*: BRADBURY, Ray. **Os frutos dourados do sol**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 69 – 82.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

Recursos utilizados

Este *e-book* foi construído com o apoio de diferentes ferramentas digitais que contribuíram para sua organização, diagramação e produção visual. Todas as imagens e elementos gráficos, com exceção da arte de Zdzisław Beksiński e das fotos das autoras, foram criados com auxílio do Midjourney, de bancos gratuitos como o Pixabay, e de plataformas de edição como Canva e Gamma, utilizadas na montagem e no design das páginas. A revisão dos textos contou com o suporte do ChatGPT.